

Economistas divergem sobre dívida

SÃO PAULO — As divergências de opiniões marcaram o segundo e último dia do Seminário Sobre Dívida Externa e Desenvolvimento da América Latina, ontem, no auditório do Memorial da América Latina. A economista Eliana Cardoso, professora do conceituado Massachusetts Institute of Technology (MIT), defendeu a suspensão temporária do pagamento do serviço da dívida externa do Brasil, como forma de o país obter novos financiamentos.

Adroaldo Moura da Silva, professor da Faculdade de Economia da Universidade de São Paulo (USP) e ex-vice-presidente da Área Internacional do Banco do Brasil, entende que, no caso brasileiro, o problema mais imediato é o da rolagem da dívida interna, que sofre uma violenta pressão em função das elevadas taxas reais de juros fixadas pelo Plano Verão. “A dívida externa é problema de médio e longo prazos”, acentuou.

Moratória — O presidente do Banco Central da Argentina, José Luis Machinea, surpreendeu os outros expositores e a platéia, ao discordar de uma proposta que ganhou consenso entre os palestrantes da véspera, como os economistas Luiz Gonzaga Belluzzo e Maria da Conceição Tavares, quanto à viabilidade de os devedores proporem moratória de suas dívidas externas.

“O problema, com a moratória, é saber se o país suportaria um sacrifício de dois anos”, compara Machinea, que ressaltou as dificulda-

des de se adotar uma postura dessa natureza. “Os devedores não têm posições comuns”, acredita Machinea, que vê um cenário melhor atualmente, para que os devedores possam fazer as negociações, do que há sete anos.

Ação rápida — “É hora de o Brasil agir”, sentencia Eliana Cardoso, ao justificar a tese de que o país precisa endurecer as negociações com os credores, por não acreditar nos benefícios do Plano Brady, que prevê redução do estoque da dívida externa dos países em desenvolvimento. A economista recorda que o fato mais sintomático de que os credores não têm intenções de liberar novos recursos para o Brasil foi a queda dos títulos da sua dívida externa no mercado secundário, que chegou esta semana a US\$ 0,28, o nível mais baixo, já obtido pelos papéis. “Enquanto isso, o México, que tem tratamento favorecido, viu os títulos da sua dívida subirem de US\$ 0,30 para US\$ 0,38”, compara

Cardoso propõe, além da suspensão do pagamento do serviço da dívida externa, outras medidas para promover o equilíbrio na economia brasileira: contenção de gastos públicos, demissão de 60 mil funcionários ociosos, reposição das perdas salariais e redução das taxas de juros reais. “Esse Plano Verão é um absurdo: se nada for feito, não sobrará economia para o futuro presidente administrar”, ironiza a economista.